



CORACÃO SELVAGEM

Quatro experiências para descobrir o centro da Amazônia brasileira, a partir de Manaus. E ficar com vontade de regressar depressa ■ [♦ MARIA DA ASSUNÇÃO WILLOZ](#)



CORACÃO SELVAGEM

Quatro experiências para descobrir o centro da Amazônia brasileira, a partir de Manaus. E ficar com vontade de regressar depressa ■ [♦ MARIA DA ASSUNÇÃO WILLOZ](#)

A remar,
suavemente,
descobre-se um
mundo único



As povoações
ribeirinhas estão
preparadas para a
subida das águas



O que é que ainda se pode dizer sobre a Amazônia? Todos sabemos, por diversas razões, que este é um dos lugares mais importantes do planeta e que a sua exuberante floresta tropical continua a fascinar viajantes de todo o mundo. Hoje a Amazônia brasileira abre-se mais do que nunca ao mundo. E o turismo ecológico assume-se como o principal «trunfo» para o desenvolvimento da região.

A CAMINHO DO JUMA LODGE Saímos do cais do Ceasa, em Manaus, em direção à Vila do Carreiro, numa lancha rápida. O encantamento é quase instantâneo, graças ao privilégio de assistir ao «encontro das águas», um fenómeno natural pro-

vocado pela confluência das águas escuras do rio Negro com as águas barrentas do rio Solimões, e que juntas formam o imenso rio Amazonas. Este fenómeno, que se prolonga numa extensão de 6 quilómetros, onde os dois rios correm lado a lado sem nunca se misturarem, acontece devido à grande diferença entre as temperaturas das águas e a velocidade da corrente. Um espectáculo único e inesquecível.

Desembarco num pontão, um local no mínimo *saá generis*, onde pressinto que muita coisa pode acontecer. Estes são, por natureza, lugares de perdição onde gente de vários credos e cor se junta em grandes conversas, quantas vezes carregando pesados volumes de conteúdos indefinidos.

A rua direita, de terra batida, alberga uma infinidade de bancas coloridas onde se vende de quase

tudo, algumas vindas até da Europa. Mulheres bonitas e de pele morena balancelam o corpo ao som do último hit musical amplificado em altos decibéis, enquanto crianças lindas e risonhas surgem sabe-se lá de onde. O ritmo da vida é pautado aqui pelos múltiplos embarques e desembarques dos típicos barcos «galola» que cruzam o Amazonas.

Segue-se uma hora de carro, percorrendo a estrada de alcatrão 319, em direção ao rio Maçarico, onde nos espera outra lancha, desta vez «a voadeira», com a qual planamos, durante cerca de 90 mi-

nutos pelas águas, e começo a ter alguns vislumbres da paisagem arrebatadora que me ficou na memória em anteriores ocasiões.

Mas é ao entrar no leito do rio Juma, onde a lancha fica obrigada a deslizar mais devagar, que o espectáculo finalmente se revela e posso observar as águas espelhadas e verdes com os reflexos das margens: árvores de longos braços debruçadas sobre o rio, modestas casas de madeira suspensas em palafitas e o movimento constante das velhas pirogas - aqui conhecidas por tgarapés e que não são mais

O espectáculo impressiona: árvores debruçadas sobre o rio, casas de madeira suspensas em palafitas e o movimento constante das velhas pirogas de madeira

No Juma Lodge qualquer visitante se sente quase a viver na selva



O enorme Amazon Jungle Palace permite viver a Amazônia com luxo



do que embarcações escavadas num só tronco de árvore. Tudo isto sem nunca esquecer a importante gente das águas, o chamado «povo ribeirinho», aquele que vive nas margens do rio e para o rio, sobrevivendo da pesca, alguma caça e agricultura.

É já ao lusco-fusco que atracamos no deque do Juma Lodge. Situado na bacia do rio em plena selva, descobro algumas das 23 cabanas rudimentares, construídas sobre palafitas e que, por sua vez, estão interligadas por passarelas aéreas devido à subida das águas, durante a estação das chuvas, que dura cerca de três meses. É o caso agora, revelando, para mim, um cenário totalmente novo, em que a vastidão aquática se torna, por vezes, impressionante.

Já tarde e cansada abanco por fim no «meu canto» e da janela espreito a noite, confundo as águas escuras do rio, a floresta exuberante e o voo dos pássaros.

Troveja durante a noite e cai uma forte chuva. A luz na minha cabana é pouca e difusa. Tento chegar à varanda suspensa sobre o rio e já pouco ou nada emergo, consigo somente escutar os sons que invadem a negrura da noite, sons ampliados e que me causam uma impressão extraordinária.

Desperto às cinco horas da manhã e o céu embora ainda escuro parece menos zangado. Após um pequeno-almoço rápido mas frugal partimos, em grupo reduzido, para um passeio na selva. De piroga navegamos através de sinuosos braços de rio, verdadeiros trilhos flutuantes que nos permite arrepiar caminho.

Por fim chegamos à floresta já sob um céu em tons de azul celeste e cinzento. À medida que me embrenho na selva luxuriante fresca e molhada, repleta de brilhos cintilantes, observo a imensa e diferenciada vegetação e reconheço maravilhada as copas das árvores que forram o céu alto, verde e escuro.

Pasmada porque a natureza no seu estado mais puro sempre me seduziu e porque a floresta sempre esteve presente no meu imaginário como um lugar de encantamento e mistério arevo-me, desta vez, a captar sons e ruídos enquanto fotografo.

Foram três horas de passeio que souberam a pouco. O zula aproveita para comentar a riqueza da

biodiversidade da selva e os múltiplos ecossistemas, afirmando que mais de 60% da Amazônia é composta por floresta tropical onde abundam cerca de 55 mil espécies e o restante é dividido entre matas, montanhas, rios, cascatas e terras alagadas. Alertamos ainda para a sua importância e o quanto é premente a sua preservação, lembrando-nos que a Amazônia é afinal o «pulmão» do planeta e o maior Património Natural à face da terra.

As refeições no Juma são servidas numa imensa cabana redonda, virada sobre o rio. Decorada com singeleza, bancos e mesas são trabalhados com madeiras recicladas, que acompanham o desenho arredondado do espaço. A ementa simples e gostosa é composta por diversos pratos de sabor local.

Durante o almoço fico a saber que o Juma Lodge obriga a uma logística difícil, pois só se pode lá chegar de barco ou de hidroavião.

O empreendimento demorou três anos a ser construído, com um escrupuloso respeito pelas regras ambientais: tudo ali é feito a partir de velhas madeiras, e os telhados são cobertos com folhas de babau, um tipo de palmeira muito comum na região.

Regresso à minha cabana. O seu interior é espartano, com apenas duas camas, duas prateleiras e dois cabides. O duche tem uma única torneira de água fria e o espelho está colocado tão alto que mal o vejo. A luz elétrica funciona só a horas certas. Mas apesar de tudo, gosto de ali estar, especialmente a preguiçar, a ler e a aproveitar o tempo para escrever algumas notas, consultar novos mapas e limpar as minhas câmaras fotográficas.

O Juma lodge possui um conceito correcto e coerente onde tudo se encaixa na perfeição, desde o lugar onde está implantado, à sua envolvente, aos diversos programas para melhor perceber a selva amazónica. Oferece um turismo diferente onde as palavras simplicidade e despojamento se junta o tema da «aventura», que nos mostra a verdadeira realidade amazónica.

PALÁCIO NA SELVA A 50 quilómetros da cidade de Manaus, escondido na última curva do rio Negro, avisto o Amazon Jungle Palace que me causa, desde logo, uma forte emoção visual. Grande e ativo, lu-

Aqui percebemos a enorme riqueza da Amazônia, a sua enorme biodiversidade e os múltiplos ecossistemas, bem como a necessidade de preservar este «pulmão» da Terra



Muitos projetos de ecoturismo na Amazônia têm permitido uma melhoria da qualidade de vida das populações locais

minoso e bonito é um verdadeiro hotel flutuante que permite aos clientes, que por diversas razões não gostam de pernoitar em plena selva, visitar a Amazônia, com todo o conforto, segurança e luxo.

O Amazon Jungle Palace destaca-se ainda pela sua preocupação ecológica e ambiental, obedecendo a todos os conceitos modernos de turismo sustentável, como a alta tecnologia no tratamento de água, recolhimento e reciclagem de lixo, além de todo o trabalho desenvolvido no respeito à natureza e ainda na integração da comunidade que vive próximo ao hotel.

Os 65 apartamentos climatizados, com vista panorâmica para o rio possuem todos os requisitos de um hotel de luxo até mesmo o dispensável TV LCD com programação via satélite e o acesso à internet.

Este harmonioso empreendimento turístico espalha-se por diferentes decks que dão acesso aos

edifícios e espaços desafogados como o observatório de pássaros e as duas magníficas piscinas, e ainda o bar e o restaurante de sabor regional e internacional que fez as minhas delícias.

Nos pisos zero do hotel encontramos o auditório e salas de eventos e já nos pisos superiores, servidos por elevadores, (o que em plena selva é no mínimo inesperado), encontram-se as suítes e os quartos.

Partimos às 6 horas da manhã para ir ver o nascer do sol. O barco, de fundo raso, desliza sorrateiro pelos estreitos braços de rio ao encontro da alvorada ainda silenciosa.

Apuram-se os sentidos. Enquanto admiro os contornos ainda indistintos da paisagem, escuto o repentino canto de um pássaro, o resilhar da folhagem, mas somente o barulho da água se torna preciso, exacto. Aos poucos, a luz difusa da noite vai dando lugar à claridade. Admiro as águas paradas, como que suspensas no tempo e que reflectem tons rosados que vão do índigo ao lilás. E, de repente, já só quero abraçar toda aquela paisagem efêmera.

Um passeio magnífico sobretudo contemplativo, uma manhã gloriosa em que ficamos com a certeza que a magia da Amazônia existe.

Fazemos depois uma caminhada pela selva, com direito a conhecer algumas ervas medicinais, admirarmos árvores de grande porte e até espantar-nos com uma aranha do tamanho de uma santola. Mas o inesquecível mesmo é o próprio caminhar na floresta, pisar a terra orvalhada, estar atenta aos sons, aos cheiros e à luz que, à medida que avançamos, se vai tornando sombria permitindo somente que dislumbremos certas árvores, certos bichos, certas flores, pormenores admiráveis da fauna e da flora.

Despeço-me do Amazon Jungle Palace com a certeza de levar comigo a chamada «consciência ambiental». Aqui compreendi melhor a sua importância e o quanto dependemos dela.

A BELA DECADÊNCIA DE MANAUS Há quem diga que Manaus, a sexta cidade mais rica do Brasil e com quase 2 milhões de habitantes, é o maior e o mais marcante contraste causado pelo homem na selva amazônica. Será?

Criada na riqueza e na fatura da borracha, cuja matéria-prima era extraída das seringueiras nativas da floresta, a cidade viveu o seu apogeu em 1888, mas caiu em declínio no início do século XX. Só por volta de 1987 voltou a readquirir importância econômica com a instalação de um parque industrial e a criação de uma zona franca.

Hoje a precisar de uma gigantesca reforma, Manaus aguarda com expectativa a realização do Mundial de futebol de 2014: vai albergar uma das sedes e, como tal, vai ser obrigatório reestruturar, remodelar e limpar a cidade.

Instalo-me por dois dias no incontestável Hotel Tropical, a precisar também ele de urgente reforma. Depois de um refrescante banho de piscina tomo um táxi, altíssimo, para rever e passear a meu belo prazer por Manaus.

A cidade voltou a surpreender-me pela sua desordem e múltiplos contrastes, sobretudo junto à zona histórica: velhos palacetes do século XIX, com arquitectura de inspiração europeia, ruas e passeios de calçada à portuguesa, avenidas a fervilhar de gente e um trânsito caótico. É perante esta desordem placidamente instalada que abandono, disposta a palmilhar os lugares mais emblemáticos da cidade.



A vida em Manaus é dominada pela Ópera e o vibrante dos barcos galata



Inesquecível mesmo é caminhar na floresta, pisar a terra orvalhada, estar atento aos sons, aos cheiros e à luz, descobrindo pormenores admiráveis da fauna e da flora



ao porto, espreitar a antiga Alfândega, o Mercado Municipal e o típico comércio local. E assim foi. Abancada à porta de um barzeco local peço um sorvete de dois sabores enquanto rewejo as fotografias digitais acabadas de tirar e penso, penso em como elas, as fotografias fludem. Iludem pela beleza dos edifícios, alguns ligeiramente decadentes, outros pela envólucra. Tudo isto para resfimar que a cidade de Manaus pode voltar a ser linda e importante se tomar a devida consciência que tem mesmo de se remodelar e reformar.

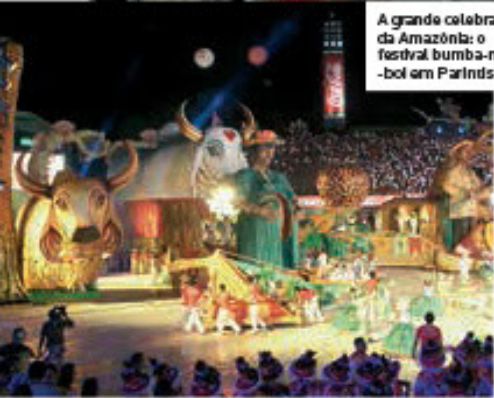
CELEBRAÇÃO EM PARINTINS Levanto voo de Manaus e, em pouco mais de uma hora, chego a Parintins. Mal aterro na pitoresca ilha de Tupinambá, em pleno Amazonas, pressinto a alegria e a animação que paira no ar. A explicação é simples: em Junho, Parintins transforma-se num verdadeiro forró, com o seu Festival Folclórico que, ao longo dos tempos, se tornou na maior festa popular da região norte do Estado do Amazonas.

Assim que pouse a bagagem no hotel sai para rua e decido, desde logo, que só à boleia era possível chegar ao coração da festa. Pendurada numa motoretta, cheguei ao centro da animação: o Bumbodromo, centro cultural e desportivo Amazonino Mendes, com assento seguro para mais de 35 mil espectadores.

Sob o tema da preservação da natureza, o impressionante Festival Folclórico de Parintins decorre durante três noites, com uma alegria contagiante.

Neste festival predominam unicamente as cores vermelhas e azul que correspondem, em despique, aos dois protagonistas da festa: o Boi vermelho - o Garantido e o Boi azul - o Caprichoso.

O bumba-meu boi que deu origem ao Festival de Parintins segundo consta, baseia-se na história das desventuras do boi da fazenda, trazidos à época por portugueses. Todas as noites, durante mais de 5 horas, o Bumbodromo divide-se ao meio pelas cores azul e vermelho, num despique de carros alegóricos. Um verdadeiro carnaval que põe a cidade inteira ao rubro. É uma experiência mágica que torna ainda mais inesquecível e genuína a passagem pela Amazônia. ☐



A grande celebração da Amazônia: o festival bumba-meu-boi em Parintins

Começo inevitavelmente pelo Teatro Amazonas, inaugurado em 1896, com pompa e circunstância. e que já foi palco dos mais belos espectáculos do mundo. Mesmo ao lado, revê a Igreja de S. Sebastião, cuja cúpula possui belas pinturas italianas de 1888 e também o Palácio da Justiça, de estilo renascentista, agora transformado em sala de cinema e de eventos.

Mas o que vale mesmo a pena é deixar-nos embrenhar pela atmosfera envolvente e passear junto

GUIA DO VIAJANTE



O QUE SABER

Entrada: Passaporte válido. **Diferença horária:** Menos 5 horas do que Portugal continental (e menos uma que o Rio de Janeiro e São Paulo) **Clima:** A temperatura ronda os 30°C, durante todo o ano, a estação seca é bem mais quente e húmida. **Cuidados sanitários:** É necessário estar vacinado contra a febre amarela. Beba somente água engarrafada. **Moeda:** Real. R\$1 vale cerca de €0,45. Existem diversos ATM em Manaus e não esqueça o cartão de crédito. **Recomendações:** Lave repelentes e protetores solares, chapéu e um corta-vento a usar nas travessias de barco ou para a chuva, e uma boa mochila impermeável. Remédios de uso pessoal, lanterna e até mesmo um agasalho pois de manhã cedo por vezes está frio. Use roupa cómoda e leve, botas ou sapatos confortáveis e meias sempre que for passear na selva. Fato de banho, shorts para saídas

em Manaus e outros lugares, vestidos leves e bolsa para usar à cintura. Leve as baterias das câmaras fotográficas carregadas, computador e afins. Atenção à humidade - proteja todo o seu material!

ONDE DORMIR

Juma Lodge: Localizado a 100 km a sudeste de Manaus. É um hotel especial arredado de tudo e de todos. www.jumalodge.com.br
Amazon Jungle Palace Um palácio no meio da selva, onde se pode ficar com todo o luxo e conforto. Fica a cerca de 30 minutos de Manaus. www.amazonjunglepalace.com.br
Tropical Hotel Um hotel incontestável em Manaus, erguido num complexo enorme, com cerca de 600 quartos, três piscinas e até um jardim zoológico. Fica afastado do centro e os taxistas costumam aproveitar-se disso. www.tropicalhotel.com

COMO IR

A Tap (www.flytap.com) voa, entre outros destinos brasileiros, para Brasília, Fortaleza ou S. Paulo, de onde depois se pode apanhar a ligação para Manaus com a TAM. (www.tam.com.br)

QUANDO IR

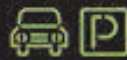
Há duas fases distintas nesta região localizada três

graus abaixo da linha do equador: a época das chuvas (de dezembro a junho) ou a estação seca (de julho a novembro). Na primeira, pode percorrer-se toda a floresta em lancha, apreciando as árvores e observando a selva de perto. Na segunda, a beleza paisagística é menos impressionante, mas torna-se mais fácil observar animais.

Agradecimentos: Governo do Amazonas/Amazonatur. www.visitamazonas.am.gov.br
Across Luxury Travel & Safaris. Campo Grande, 220-B. Lisboa. info@across.pt

Estacionamento Low Cost

Lisboa, Porto, Faro
3 aeroportos, 1 tarifa



800 91 90 91

ANZ Aeroportos de Portugal

www.parking.ana.pt

RESERVE ONLINE

Desde

€5,00*
por dia

* Tarifa sujeita ao momento de compra.